

Introdução geral

Robert Alter e Frank Kermode

Para a maioria dos leitores educados modernos, a Bíblia provavelmente parece, a um tempo, familiar e estranha, como as características de um ancestral. Eles podem saber, ainda que apenas de uma maneira geral, de sua importância central na história da cultura que herdaram; mas podem também estar conscientes de que, em suas formas modernas, a cultura recusou à Bíblia os níveis de importância que ela alcançava no passado. Eles podem muito provavelmente ver o fundamentalismo moderno como perigoso e atávico; repudiar, porém, a herança bíblica como um todo deve chocá-los como algo bárbaro. Eis aqui uma diversidade de documentos contendo antigas histórias, poemas, leis, profecias que a maioria de nós sequer pode ler nas línguas originais e que provavelmente conhecemos melhor, se temos o inglês por idioma, numa linguagem que já era arcaica quando a Versão do rei James (ou "Autorizada") foi publicada em 1611 e pode agora muitas vezes parecer distante e exótica: "aquela velha língua", como Edmund Wilson disse certa vez com vivacidade, "com seu clangor e sabor". Entretanto, como Wilson acrescentava, "vivemos com ela a vida toda". Em suma, a linguagem, bem como as mensagens que ela transmite, simbolizam para nós o passado, estranho e contudo familiar, que sentimos dever compreender de algum modo se quisermos compreender a nós mesmos.

Pode-se, por certo, argumentar que a centralidade da Bíblia na formação de nossa cultura é resultado de um acidente histórico. Essa é uma concepção à qual

dois séculos de modernos estudos bíblicos, intencionalmente ou não, deram bastante apoio. Os motivos dos estudiosos, cristãos, judeus e seculares, são compreensíveis: um pequeno corpo de escritos, primeiro em hebraico, depois em grego, produzidos numa estreita faixa do litoral leste do Mediterrâneo durante um período de mais ou menos uma dúzia de séculos, continuou a ter conseqüências do maior alcance porque esses escritos foram aceitos como verdade revelada; e no interesse da verdade *histórica* tornou-se obrigatório tentar compreender o processo pelo qual essa literatura emergiu de sua situação histórica original. Falando de maneira geral, a crítica literária foi de pequena importância nesse empreendimento, que tratou os textos bíblicos como relíquias, provavelmente distorcidas na transmissão, de um passado que era preciso recuperar o mais exatamente possível.

No decorrer das duas últimas décadas, contudo, houve uma revivescência do interesse nas qualidades literárias desses textos, nas virtudes pelas quais eles continuam a viver como algo mais que arqueologia. A força das narrativas do Gênesis ou da história de Davi, as complexidades e refinamentos das narrativas da Paixão poderiam ser estudadas por métodos desenvolvidos na crítica da literatura secular. A eficácia dessa nova abordagem – ou abordagens, pois a obra prosseguiu por muitas vias diferentes – tem sido amplamente demonstrada. A crítica bíblica profissional foi profundamente afetada por ela; porém, o que é ainda mais importante, o leitor em geral tem agora diante de si uma nova concepção da Bíblia como obra de grande força e autoridade literária, obra sobre a qual se pode perfeitamente acreditar que tenha podido moldar as mentes e vidas de homens e mulheres inteligentes por mais de dois milênios. É essa concepção da Bíblia que o presente volume procura promover.

Ficará claro, portanto, que não pretendemos duplicar o trabalho do estudo histórico tradicional – considerar as origens de um texto ou indagar o que pode ser dele inferido no que toca a vida e instituições do Israel antigo ou da Cristandade primitiva, embora nossos colaboradores certamente não negligenciem tais considerações quando elas forem relevantes a seus propósitos mais literários. Seria absurdo estabelecer uma lei sobre o que é ou não relevante a esse respeito, ou proibir o uso de acepções derivadas da Religião Comparada, Antropologia, Filologia e assim por diante. Tampouco se deve pensar que descuidamos do caráter religioso do material em discussão simplesmente porque nossas finalidades não são teológicas e não estão relacionadas, no sentido comum, à edificação espiritual. Na verdade, acreditamos que os leitores que vêm a Bíblia primeiramente à luz da fé religiosa podem encontrar aqui instrução juntamente com aqueles que desejam compreender seu lugar em uma cultura secularizada.

Se nos fosse pedido para enunciar mais positivamente por que abordamos o assunto da maneira que o fizemos, nossa resposta seria a seguinte. Em primeiro lugar, a Bíblia, considerada como um livro, atinge seus efeitos por meios que não são diferentes dos geralmente empregados pela linguagem

cionalmente ou não, deram
stãos, judeus e seculares, são
primeiro em hebraico, depois
itoral leste do Mediterrâneo
ia de séculos, continuou a ter
escritos foram aceitos como
a tornou-se obrigatório tentar
ra emergiu de sua situação
rítica literária foi de pequena
os textos bíblicos como relí-
de um passado que era preciso

do, houve uma revivescência
tos, nas virtudes pelas quais
ologia. A força das narrativas
xidades e refinamentos das
r métodos desenvolvidos na
abordagem – ou abordagens,
tes – tem sido amplamente
fundamente afetada por ela;
n geral tem agora diante de si
le força e autoridade literária,
que tenha podido moldar as
es por mais de dois milênios.
e procura promover.

uplicar o trabalho do estudo
o texto ou indagar o que pode
ções do Israel antigo ou da
res certamente não negligen-
antes a seus propósitos mais
e o que é ou não relevante a
adas da Religião Comparada,
npouco se deve pensar que
em discussão simplesmente
não estão relacionadas, no
a, acreditamos que os leitores
giosa podem encontrar aqui
mpreender seu lugar em uma

vamente por que abordamos
posta seria a seguinte. Em
ivro, atinge seus efeitos por
empregados pela linguagem

escrita. Isso é verdade quaisquer que sejam nossas razões para atribuir valor a ela – como o relato da ação de Deus na história, como o texto fundador de uma religião ou religiões, como um guia para a ética, como evidências sobre povos e sociedades no passado remoto e assim por diante. De fato, a análise literária deve vir primeiro, pois, a menos que tenhamos um entendimento claro do que o texto está fazendo e dizendo, ele não terá muito valor sob outros aspectos. Tem-se dito que a melhor razão para o estudo sério da Bíblia – para aprender como lê-la bem – está escrita ao longo da história da cultura ocidental: que se veja o que ocorre quando as pessoas a lêem equivocadamente, a lêem mal ou a lêem com falsas suposições.

O desejo de lê-la bem tem amplas justificações culturais que permanecem completamente à margem das considerações religiosas. Com isso não queremos dizer simplesmente que a Bíblia seja, talvez, a mais importante fonte isolada de toda a nossa literatura. É certamente o que sucede e um crescente descaso pela Bíblia em nossa época secularizada abriu um hiato entre ela e nossa literatura em geral, uma lacuna de ignorância que deve, em certa medida, adulterar esta última. Poucos entre nós têm a segurança inconsciente de um vitoriano educado ao ler Milton; certas alusões bíblicas que temos de descobrir eram percebidas por Matthew Arnold, por exemplo, tanto quanto o contraponto silencioso da sintaxe grega e latina. Milton é especialmente bíblico, mas isso se aplica em medida variável a quase todos os principais escritores de língua inglesa. O interesse redutivo de escritores seculares pela Bíblia deriva, em parte, da consciência de que a literatura secular está em certo grau empobrecida por essa lacuna. Mas há um aspecto ainda mais notável: a Bíblia, outrora pensada como fonte de literatura secular, embora de certa forma dela separada, agora promete tornar-se parte do cânone literário. A união da crítica religiosa e secular ensinou aos praticantes da primeira que seus estudos podem ser bastante incrementados pela atenção aos métodos seculares; os da última foram beneficiados pela descoberta de que a Bíblia, à qual poucos dos críticos mais influentes têm ultimamente prestado muita atenção, é simplesmente de tal qualidade que negligenciá-la lhes acarretou um imenso custo.

Com efeito, parece que se chegou a um ponto de transição na história da crítica, pois a Bíblia, sob um novo aspecto, reocupou a cultura literária. Como se alcançou tal ponto? Se voltarmos o olhar para o Iluminismo percebemos que homens do calibre de Lessing e Herder não supunham dever se especializar em literatura secular ou religiosa. Lembramos de Lessing como dramaturgo, crítico influente e teórico do drama – um esteta –, mas também como um ousado crítico bíblico. A influência de Herder no desenvolvimento da literatura alemã é enorme e seus estudos bíblicos dificilmente são menos importantes. Contudo, foi na época desses intelectos extraordinários, e parcialmente em consequência de suas realizações, que o método histórico-crítico, característico dos estudos bíblicos modernos especializados, foi desenvolvido. Essa crítica “científica” foi de grande importância cultural e doutrinária; mas, como dissemos, ela desviou

a atenção da narrativa, poesia e profecia bíblicas como *literatura*, tratando delas, ao contrário, como registros históricos mais ou menos distorcidos. O procedimento característico era inferir a existência de algum livro que precedia o que tínhamos – os documentos perdidos que foram combinados para constituir o Gênesis tal qual ele chegou até nós, o Evangelho aramaico perdido, as “fontes orais” perdidas usadas por Mateus e Lucas e assim por diante. O efeito dessa prática foi curioso: falava-se dos livros existentes especialmente como evidência do que deve ter estado disponível outrora em um original mais fiel ao que realmente aconteceu. Este era seu valor real: como substitutos do que infelizmente havia se perdido.

O trabalho analítico que leva o nome de Alta Crítica, bem como os trabalhos textuais minuciosos dos estudiosos do século XIX, ocuparam mentes de alta engenhosidade e grande força intelectual. Tratava-se de algo novo (embora os métodos empregados devessem muito aos estudos clássicos), que lidava com a verdade, e por isso fascinou George Eliot, Matthew Arnold e outros para quem a redescoberta de sentimentos religiosos verdadeiros requeria uma imensa mudança de direção graças aos estudos modernos e o estabelecimento de formas de crença assim “desmitologizadas”. A força do movimento parecia virtualmente irresistível e a nova interpretação da Bíblia tornou-se, para muitos, uma descoberta científica que tinha de ser conciliada com quaisquer opiniões religiosas ou quase religiosas que alguém mantivesse. Contudo, permanecia o fato de os textos bíblicos serem valorizados menos pelo que realmente eram, do que pelo que nos diziam sobre outros supostos textos ou eventos aos quais não havia acesso direto.

O que tem atualmente ocorrido é que a interpretação dos textos como realmente são na verdade foi revitalizada. Este desenvolvimento não foi simples nem isolado, tampouco representou uma mera reação contra a tradição moderna dos estudos bíblicos profissionais. Ele vem de uma necessidade, sentida tanto pelos estudiosos eclesiásticos como pelos seculares, de conseguir um novo ajustamento com a Bíblia tal como ela é, ou seja, como literatura de alta importância e vigor.

Um marco nesse processo foi a publicação de *Mimesis* de Erich Auerbach (1946, tradução inglesa de 1953 [e brasileira de 1971]), um estudo extraordinário, polimático, das tradições européias de realismo. Foi, poder-se-ia dizer, uma obra providencial. Auerbach, um sábio da velha escola européia, escreveu o livro na Turquia, durante a Segunda Guerra Mundial, sem uma boa biblioteca exceto a que tinha na cabeça, enquanto logo adiante a civilização européia estava tentando destruir-se a si mesma. Com o passar do tempo crescem as reservas em relação a boa parte de *Mimesis*, mas a obra, não obstante, foi crucial em mostrar o caminho para uma união da tradição crítica secular com a religiosa. Os primeiros capítulos, comparando a narrativa do Antigo Testamento com a narrativa homérica e meditando a relação única do realismo da linguagem comum com os elevados significados “figurais” nos Evangelhos, não apenas

como *literatura*, tratando delas, menos distorcidos. O procedi-
gum livro que precedia o que
combinados para constituir o
aramaico perdido, as "fontes
im por diante. O efeito dessa
especialmente como evidência
um original mais fiel ao que
no substitutos do que infeliz-

Crítica, bem como os trabalhos
IX, ocuparam mentes de alta
ra-se de algo novo (embora os
os clássicos), que lidava com a
ew Arnold e outros para quem
adeiros requeria uma imensa
e o estabelecimento de formas
movimento parecia virtualmen-
nou-se, para muitos, uma des-
quaisquer opiniões religiosas
tudo, permanecia o fato de os
e realmente eram, do que pelo
eventos aos quais não havia

interpretação dos textos como
envolvimento não foi simples
ação contra a tradição moderna
ma necessidade, sentida tanto
lares, de conseguir um novo
seja, como literatura de alta

de *Mimesis* de Erich Auerbach
1971]), um estudo extraordi-
alismo. Foi, poder-se-ia dizer,
elha escola européia, escreveu
indial, sem uma boa biblioteca
te a civilização européia estava
do tempo crescem as reservas
, não obstante, foi crucial em
crítica secular com a religiosa.
do Antigo Testamento com a
ca do realismo da linguagem
' nos Evangelhos, não apenas

ofereceram novas perspectivas sobre a própria Bíblia, como sugeriram novas
relações entre as realizações dos escritores bíblicos e toda a tradição da literatura
ocidental. Auerbach mostrou que os velhos e simples contrastes entre hebraís-
mo e helenismo eram errôneos, que os realismos inventados pelos escritores
da Bíblia eram ao menos tão importantes para o futuro europeu quanto a
literatura da Grécia antiga. Não se tratava mais de uma questão de equacionar
conduta com hebraísmo e cultura com helenismo; e com a Bíblia podendo ser
vista como fonte de valor estético, questões vastas e novas se abriram, não
somente sobre a revisão das relações entre o grego e o hebraico, mas também
sobre a exploração de textos que paradoxalmente eram negligenciados, ainda
que venerados e estudados. E no tempo devido, estudiosos voltaram-se para
questões como os hábitos intelectuais dos leitores do século I, enquanto críticos
olharam para a Bíblia com os olhos do leitor do século XX; e ambos puderam se
unir para demonstrar muitos tipos diferentes de novas possibilidades, uma
revisão das leituras do passado, uma Bíblia moderna.

Desde a época de Auerbach, ocorreram grandes mudanças no estilo e no
método da crítica literária. Entre elas estão as muitas variedades de formalismo,
estruturalismo e seus sucessores. É desnecessário especificar aqui tais métodos;
o que eles têm em comum é uma atitude cética em relação às qualidades
referenciais dos textos e uma intensa preocupação com suas relações internas.
Os colaboradores do presente volume estão cientes dessas vertentes e dão muita
atenção aos textos (estudados, é claro, nas línguas originais). "Narratologia" é
uma palavra tão nova que escapou à inclusão no *Suplemento* de 1976 do *Oxford
English Dictionary* (OED), mas a poética da narrativa é um tema ao menos tão
antigo quanto Aristóteles, e poética é a descrição certa para o que ocorre neste
volume; de fato, nossos colaboradores poderiam, se quisessem, auto-intitular-se
"poetistas", uma palavra posterior ao *Suplemento* de 1982 do OED. A crítica
moderna é um campo fértil para neologismos; normalmente os evitamos, e nos
contentamos em chamar nossos colaboradores de críticos. Escrevemos para
atender aos interesses do leitor educado em geral, e não aos de alguma facção
crítica.

Não impusemos uniformidade de método aos nossos colaboradores, mas
todos os envolvidos neste projeto compartilham um amplo consenso de propó-
sito como críticos literários. Supomos que a literatura é uma linguagem
complexa, não necessariamente única, não sem significativas superposições
com outros tipos de linguagem, mas, não obstante, distinta, e que a crítica
construtiva pode, de uma maneira ou de outra, dirigir a atenção, do contrário
errante, às operações dessa linguagem. Sua sintaxe, gramática e vocabulário
envolvem uma harmonização altamente heterogênea de códigos, dispositivos e
propriedades lingüísticas. Estas incluem gênero, convenção, técnica, contextos
de alusão, estilo, estrutura, organização temática, ponto de vista para as
narrativas, voz para a poesia, figuras de linguagem, dicção para ambas e muito
mais. A complexidade dessa interação de elementos certamente exige avaliação

literária especializada e também assegura que não haverá unanimidade de abordagens ou de conclusões interpretativas. Nenhum crítico, pois, é um guia inquestionavelmente digno de confiança, mas muitos podem ser úteis de diversas maneiras, mostrando-nos como analisar a linguagem da literatura. No caso da Bíblia, a orientação é especialmente necessária porque muito tempo decorreu desde que essa linguagem literária específica era um vernáculo vivo e porque muitos outros tipos de discurso foram superpostos a ela pelas tradições subsequentes de interpretação.

Este esboço da operação da crítica cobre boa parte, mas certamente não todo o terreno atualmente reivindicado pelas várias escolas da crítica contemporânea. Ele enfatiza o papel do crítico como alguém que ajuda a tornar possível uma leitura mais plena do texto, com uma ênfase particular sobre a integração complexa de diversos meios de comunicação encontrados na maioria das obras de literatura. Uma orientação desse tipo nos pareceu particularmente apropriada para nosso volume porque, neste momento da história cultural, há uma necessidade premente de tentar aprender como voltar a ler a Bíblia. Certas variedades de crítica contemporânea não estão representadas aqui porque pensamos que elas realmente não se preocupam com a leitura no sentido que propusemos. Por exemplo, abordagens críticas cujo principal interesse são as origens de um texto na ideologia ou na estrutura social não estão representadas aqui; tampouco a crítica marxista (que em todo caso foi aplicada à Bíblia apenas em questões históricas) ou a crítica psicanalítica. Dada nossa meta de proporcionar esclarecimento, não incluímos críticos que usam o texto como um trampolim para rumações culturais ou metafísicas, nem aqueles que, como os desconstrucionistas e alguns críticos feministas, procuram demonstrar que o texto está necessariamente cindido contra si mesmo. A validade geral de tais abordagens não entra em questão aqui, apenas a impossibilidade de aplicá-las ao nosso projeto como o definimos.

Nossa própria noção de crítica é pluralista e o rótulo mais adequado à maioria de nossos colaboradores é o de eclético. Não há proponentes doutrinários de uma escola crítica específica entre eles. Nossa preocupação principal foi escolher os colaboradores que provavelmente escreveriam o melhor ensaio sobre o tema, não a abordagem crítica que seria usada. Recorremos com igual disposição, embora não com a intenção de alcançar um equilíbrio numérico, a críticos literários interessados na Bíblia e competentes para discuti-la, e a estudiosos da Bíblia interessados em crítica literária. O resultado, queremos acreditar, é uma feliz união das duas disciplinas que têm coisas instrutivas a dizer para estudiosos tanto de literatura quanto da Bíblia.

A crítica literária, por muito tempo tida como periférica ou mesmo irrelevante aos estudos bíblicos, emergiu desde meados da década de 1970 como um novo foco importante de estudos bíblicos acadêmicos na América do Norte, Inglaterra e Israel, e tem mostrado alguns sinais notáveis na Europa. É natural, portanto, que nosso empreendimento deva ser internacional. Nossos colabora-

ia não haverá unanimidade de nenhum crítico, pois, é um guia em muitos podem ser úteis de a linguagem da literatura. No cessária porque muito tempo cífica era um vernáculo vivo e perpostos a ela pelas tradições

arte, mas certamente não todas as críticas contemporâneas. e ajuda a tornar possível uma particular sobre a integração ontrados na maioria das obras eu particularmente apropriada la história cultural, há uma voltar a ler a Bíblia. Certas representadas aqui porque, com a leitura no sentido que ujo principal interesse são as social não estão representadas so foi aplicada à Bíblia apenas. Dada nossa meta de propor- que usam o texto como um icas, nem aqueles que, como as, procuram demonstrar que esmo. A validade geral de tais impossibilidade de aplicá-las

e o rótulo mais adequado à Não há proponentes doutriná- essa preocupação principal foi screveriam o melhor ensaio usada. Recorremos com igual ar um equilíbrio numérico, a etentes para discuti-la, e a ária. O resultado, queremos que têm coisas instrutivas a a Bíblia.

o periférica ou mesmo irrele- da década de 1970 como um nicos na América do Norte, otáveis na Europa. É natural, ernacional. Nossos colabora-

dores vêm de cátedras de ensino (com duas exceções, de universidades seculares) nos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Israel, Itália e Holanda. Eles se filiam, variamente, às tradições protestante, católica e judaica. Alguns estão envolvidos, pela fé, com os textos que estudam, ao passo que outros se veriam essencialmente como críticos seculares. Mas falam uma linguagem crítica comum, pois as diferenças entre eles derivam muito mais da sensibilidade individual e da preferência intelectual, do que de antecedentes religiosos. Em muitos casos, procuramos recrutar escritores que já tivessem dado alguma contribuição notável a este campo de pesquisa, mas não hesitamos em recorrer também a vários estudiosos mais jovens cujo trabalho inicial nos pareceu bastante promissor. O volume, então, é um ponto de encontro não apenas de nacionalidades e credos, mas também de gerações acadêmicas. A variedade de perspectivas resultante, juntamente com a unidade de propósito geral proporcionam um panorama vívido de mais de mil anos de atividade literária diversa representada na Bíblia.

O propósito deste livro estará claro agora, esperamos. Já não vivemos em uma época em que as pessoas letradas tinham intimidade cotidiana com a Bíblia, compartilhando uma crença; os indivíduos têm agora que se sintonizar com o livro, que hoje em dia é raramente assimilado na primeira juventude. Ajudá-los nisso é nosso principal propósito.

Ao tentar realizá-lo, fizemos certas suposições. O que chamamos "a Bíblia" é, na verdade, apenas uma entre várias Bíblias, e a alguns pode parecer que nossa escolha tem implicações teológicas, embora as bases dela sejam inteiramente literárias. (As variações nos cânones bíblicos são tratadas no ensaio "O Cânone", na sequência.) Não precisamos falar mais sobre o tipo de estudo que vê os cânones bíblicos como um incômodo e prefere pensar a Bíblia como uma coleção de livros independentes, reunidos mais ou menos ao acaso. Permanece a dificuldade de a Bíblia católica não ser idêntica à protestante, nem a Bíblia do judaísmo grego à Bíblia hebraica. Ademais, é óbvio que os judeus não atribuem muito significado religioso ao Novo Testamento, embora na realidade as relações entre os dois testamentos, tão fortes e interessantes nos primeiros séculos da era cristã, continuem profundamente interessantes agora, ainda que não pelas mesmas razões. Mas nós escolhemos o que é virtualmente a Bíblia protestante apenas por razões literárias; ela é, mais do que as outras, a Bíblia da tradição anglófona central, o livro isolado que mais facilmente vem à mente quando falamos da Bíblia. Podemos alegar que ela inclui todos os livros reconhecidos pelos judeus modernos como constituintes de sua Bíblia e todos os livros que os cristãos concordam serem partes das suas.

Os livros do Antigo Testamento não são tratados neste volume exatamente na ordem familiar a partir das versões do rei James e protestantes ulteriores. Ao contrário, seguimos a ordem da Bíblia hebraica, exceto que por razões de gênero o Eclesiastes foi reunido aos Provérbios em um único ensaio. É por razões de gênero semelhantes que saímos da ordem mais familiar do rei James.

Enquanto Rute aparece naquela ordem depois de Juízes, preferimos não interromper a seqüência da assim chamada história deuteronomica, que vai de Deuterônomo a II Reis, como na Bíblia hebraica. Os ensaios sobre os profetas não são interrompidos por Lamentações, visto nas versões tradicionais como um apêndice a Jeremias. Daniel, a última obra escrita do cânone hebraico, não é tratada aqui como pertencente aos profetas clássicos. A Bíblia hebraica agrupa seus livros nesta seqüência: Pentateuco, Profetas anteriores, Profetas posteriores, Escritas de miscelânea; é adequado aos nossos propósitos adotar tal ordem. Os ensaios sobre o Novo Testamento seguem a seqüência convencional de livros, com considerações sobre as Epístolas Paulinas reunidas em um artigo geral e as Epístolas Católicas tratadas no mesmo ensaio sobre Hebreus.

Tivemos por regra usar a Versão do rei James nas traduções, e nossas razões para fazê-lo devem ser óbvias: é a versão que a maioria dos leitores ingleses associa às qualidades literárias da Bíblia, e pode-se alegar ainda que é a versão que melhor preserva os efeitos literários das línguas originais. Mas ela tem sérias deficiências filológicas e seu arcaísmo pode, às vezes, ser enganador; por isso, nossos colaboradores sentiram-se por vezes obrigados a revisá-la – indicando suas mudanças por [RA] (revisão do autor) – ou a providenciar suas próprias traduções – assinaladas por [TA] (tradução do autor) ou mencionando em nota de rodapé que todas as traduções são do autor. Alguns colaboradores referiram-se à *New English Bible* (NEB), à *Revised Standard Version* (RSV) ou à *New Jewish Publication Society Bible* (NJPS), e não à King James Version [Versão do rei James (VRJ, VA)]. Há duas divergências tipográficas da Versão do rei James. Itálicos não são usados para palavras meramente sugeridas no original, porque essa convenção presta-se mais à confusão do que ao auxílio dos leitores modernos. Quando é citada poesia, o texto está disposto em formato de verso. Em alguns casos a responsabilidade pelas decisões de quebra de formato é do editor da seção do Antigo Testamento.¹

As transliterações do hebraico e do grego estão simplificadas e não correspondem à convenção acadêmica. Sinais diacríticos ficaram limitados ao *h* para o *het* hebraico (*grosso modo* correspondente ao *j* fricativo levemente aspirado do hispano-americano) e *ô* e *ê* para o ômega e o eta gregos para diferenciá-los do *o*, ômicron e *e*, épsilon. O *kh* em transliterações do hebraico indica uma fricativa parecida ao *ch* do alemão *ich*. Não foi feita nenhuma tentativa nas transliterações para indicar características do original que são primariamente gramaticais e cuja notação não transmitiria informação fonética útil ao leitor. Em alguns poucos casos, a consistência foi deixada de lado no interesse do que precisava ser mostrado, como, por exemplo, quando um colaborador quis indicar por meio

1 Na tradução brasileira foi empregada, para cotejo, a *Bíblia de Jerusalém*, traduzida pelas Edições Paulinas (São Paulo, 1980), da edição original francesa da Escola Bíblica de Jerusalém, dirigida pelos padres dominicanos.

Juizes, preferimos não inter-
rromper a deuteronomica, que vai de

Os ensaios sobre os profetas
as versões tradicionais como
crítica do cânone hebraico, não
são. A Bíblia hebraica agrupa
anteriores, Profetas posterior-
es propósitos adotar tal ordem.
a seqüência convencional de
linhas reunidas em um artigo
ensaio sobre Hebreus.

nas traduções, e nossas razões
maioria dos leitores ingleses
se alegar ainda que é a versão
original. Mas ela tem sérias
razões, ser enganador; por isso,
pedimos a revisá-la – indicando
a providenciar suas próprias
notas) ou mencionando em nota
que alguns colaboradores referiram-
se à *Revised Standard Version* (RSV) ou à *New Jewish*
Version [Versão do rei James
Versão do rei James. Itálicos
usados no original, porque essa
ajuda os leitores modernos.
formato de verso. Em alguns
casos de formato é do editor da

o simplificadas e não corres-
pondem ficaram limitados ao *h* para
indicar o leve aspirado do
hebraico para diferenciá-los do
hebraico indica uma fricativa
tentativa nas transliterações
variavelmente gramaticais e cuja
ajuda ao leitor. Em alguns poucos
casos de que precisava ser
indicado quis indicar por meio

de transliteração que consoantes são partilhadas por duas diferentes formas de
uma palavra, algo evidente para o olho que esquadrinha a página hebraica,
embora a pronúncia real de uma consoante específica possa mudar ligeiramente
conforme uma palavra seja conjugada ou declinada (como a mudança de *b* para
v no hebraico *bet*). A transliteração entre línguas com sistemas fonéticos
parcialmente incompatíveis é sempre difícil; o que oferecemos aqui não passa
de uma aproximação, com a pretensão de servir como um auxílio aos propósitos
da crítica literária.

A convenção acadêmica mais antiga pronuncia o Tetragrama ou nome
hebraico inefável de Deus como Yahweh (Javé). Aqui adotamos uma convenção
mais recente de indicação das consoantes apenas: YHWH. As vogais desse nome
são em todo caso um tanto conjecturais e transliterar apenas as consoantes
também concorda com a prática hebraica tradicional.